



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

CARTOGRAFIA AFETIVA: UM CAMINHO METODOLÓGICO NA LEITURA DA DIMENSÃO SIMBÓLICA-SUBJETIVA DO ESPAÇO ESCOLAR

Anderson da Silva Marinho ^(a), Adryane Gorayeb ^(b)

^(a) Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, asm.jems100@gmail.com

^(b) Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, adryanegorayeb@gmail.com

Eixo: Metodologias para o ensino da geografia física no ambiente escolar.

Resumo

O espaço escolar é constituído sob diferentes perspectivas, sendo essas desenvolvidas pelos seus protagonistas que fornecem bases materiais e imateriais a sua existência, assim, pode-se caracterizá-lo a partir das relações e experiências de faces individuais e plurais com descrições concretas e subjetivas. O presente trabalho teve como objetivo analisar as relações que acontecem na unidade de ensino Dr. Gentil Barreira, em Fortaleza – CE, a partir dos olhares e subjetividades do cotidiano da escola construídos pelos estudantes do 1º ano do Ensino Médio. Assim, foram realizadas oficinas de mapeamento afetivo durante as aulas de Geografia, possibilitando compreender as experiências harmoniosas e/ou conflituosas dentro do espaço escolar. Portanto, a cartografia afetiva apresentou-se como uma possibilidade real de aplicabilidade dentro das unidades escolares, funcionando como processo de comunicação com as experiências e sentimentos dos estudantes, resultando em um espaço mais representativo aos participantes dessa realidade, facilitado o planejamento e intervenções no espaço escolar.

Palavras chave: Cartografia Afetiva. Mapeamento Participativo. Espaço Escolar.

1. Introdução

A escola é cotidianamente transformada em um espaço social múltiplo e dinâmico, ou seja, as interações sociais nesse espaço afloram mais intensamente em sua narrativa diária. Esse processo é oriundo da convergência das experiências, saberes e vivências sociais carregadas pelos atores centrais das unidades escolares, os estudantes.

O estudante é constituído de individualidades e subjetividades obtidas através das suas relações e interações com os diferentes núcleos sociais, estabelecendo leituras individuais



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

em suas interpretações espaciais. Nesta perspectiva, a escola é um espaço plural, que recebe diferentes perspectivas e olhares, construídas sobre bases materiais, carregadas de imaterialidade e subjetividade.

Diariamente, os estudantes constroem percepções sobre o espaço escolar a partir das suas atividades relacionais com o mesmo, podendo essas ser harmoniosas e/ou conflituosas. Contudo, essas experiências são pouco exploradas e valorizadas na constituição do espaço escolar, o que se torna contraditório, pois a escola deve ser lugar de valorização do indivíduo enquanto protagonista principal da sua existência e utilizar-se das suas percepções para ampliar a qualidade da experiência escolar.

Diante desta perspectiva, torna-se necessário o desenvolvimento de práticas escolares cotidianas na leitura dessas novas transformações entre o educando e o espaço escolar, construindo estratégias que privilegiem essa dimensão simbólica-subjetiva, utilizando esse olhar na construção de um lugar mais democrático, educativo e representativo aos estudantes.

O presente trabalho teve como objetivo analisar as relações que acontecem no espaço escolar da unidade de ensino Dr. Gentil Barreira, situada no bairro Conjunto Ceará, no município de Fortaleza – CE, a partir dos olhares e subjetividades construídas pelos estudantes do 1º ano (F) no cotidiano da escola, com a realização de oficinas de mapeamento afetivo, o que possibilitou compreender as experiências harmoniosas e/ou conflituosas dos estudantes com o espaço escolar.

1.1. A Cartografia Afetiva e o Espaço Escolar

Nas últimas décadas, as investigações cartográficas desenvolveram-se nos mais diferentes aspectos de análise, influenciada pelas mudanças tecnológicas e pelos novos cenários possíveis de atuação, tornando-se um método de leitura e interpretação de relações concretas e abstratas. Simielli (2014, p. 72) ressalta que “a cartografia, ao longo da sua existência, sofreu várias transformações quanto a concepção, área de abrangência, competência e evolução tecnológica”.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

As representações cartográficas ganharam novas faces de espacialização, com caráter quantitativo e qualitativo dos fenômenos espaciais, sejam fixos ou fluxos, materiais ou imateriais, objetivos ou subjetivos, concretos ou relacionais. Os destaques são as práticas voltadas à leitura de relações invisíveis, a partir da representação de sentimentos, olhares e afetos, a chamada: cartografia afetiva.

A construção conceitual da cartografia afetiva tem suas bases nas discussões e elucidaciones abordados pelos filósofos Felix Guattari e Gilles Deleuze (1995) que apontam a construção cartográfica como uma estrutura rizomática, pautada na esquizoanálise diante de diferentes territorialidades, ou seja, processo resultante da leitura subjetiva e emocional dos sujeitos que compõe e experimenta o real.

Sobre o processo de definição, construção, funcionalidade e atribuição no ato de mapear, Felix Guattari e Gilles Deleuze (1995) apontam

[...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (GUATTARI, DELEUZE, 1995, p. 19-20)

No processar histórico, as concepções sobre cartografia afetiva ampliam-se com as contribuições conceituais de Rolnik (2007, 2013), apontando que além de representações da paisagem estática, as paisagens psicossociais também são cartografáveis. A autora destaca uma sociedade pautada em micropolíticas, estando esses sujeitos subjetivando os territórios existenciais, assim, a cartografia sentimental é a possibilidade de exteriorização de contexto emocional, a ser decifrado pelo corpo vibrátil. Rolnik (2007) destaca:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoleto (ROLNIK, 2007, p. 23).

Diante dessa perspectiva, em 2008, o professor-pesquisador Jonathan Flatley traz em sua discussão teórica questões contemporâneas em relação à construção de mapas afetivos



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

e como os lugares vivenciados diariamente são constituídos de percepções subjetivas, ressaltando que

No contexto da geografia e da psicologia ambiental, o termo mapeamento afetivo tem sido utilizado para indicar os aspectos afetivos dos mapas que nos guiam, em conjunto com nossos mapas cognitivos, através de nosso ambiente espacial. Ou seja, desenvolvemos nosso sentido de nosso ambientes através de atividades intencionais no mundo, e sempre trazemos conosco uma gama de intenções, crenças, desejos, humores e vínculos afetivos a essa atividade. Portanto, nossos ambientes espaciais são inevitavelmente imbuídos dos sentimentos que temos sobre os lugares que estamos indo [...] (FLATLEY, 2008, p. 77, tradução nossa).

No cenário das construções cartográficas subjetivas, Dows; Stea (2011) apontam definições entorno das construções cognitivas espacializadas sob as estruturas reais do espaço social, o mapeamento cognitivo, resultando em diferentes processos de análise espacial, destacam que:

O mapeamento cognitivo é um processo composto de uma série de transformações psicológicas pelas quais um indivíduo adquire, codifica, armazena, recolhe e decodifica informações sobre as localizações e atributos relativos dos fenômenos em seu ambiente espacial cotidiano (DOWNS, STEA, 2011, p. 312, tradução nossa).

Passos *et. al* (2010), com o livro intitulado “Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, abordou amplamente as discussões sobre a utilização da cartografia como possibilidade de pesquisa e intervenção no cotidiano e mapeamento da subjetividade individual e coletiva como estratégia de reconhecimento da experiência sob a realidade concreta, ressaltando que:

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis [...] Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo [...] (PASSOS, 2010, p. 30).

Diante dessas percepções, pesquisas recentes utilizaram os princípios da cartografia afetiva em diferentes cenários de investigação. Leiras (2012), apresenta a cartografia afetiva enquanto subsídios à análise de processos artísticos-culturais urbanos em diferentes perspectivas virtuais, trançando uma leitura individual da abordagem, ao qual definiu como:

Cartografar nesta perspectiva sugere a identificação de afetos e relações nos contextos psicossociais. Propõe uma série de terminologias que dão visualidade para fenômenos



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

subjetivos que podem ser individuais e/ou coletivos. Trata-se de um “espacializar”, contextualizar no tempo e no espaço, a experiência. Nesse sentido, as cartografias construídas sob esta abordagem são emergências da psicosfera, contemplam as materialidades, fatos, aspectos objetivos, mas seus códigos, “legendas”, “escalas” são traços de uma construção simbólica que têm suas especificidades, intenções, afetos e poética (LEIRAS, 2012, p. 121).

Outra abordagem é apontada por Oliveira *et. al* (2012) que utilizou a oficina denominada “Como eu vejo: mapeamento afetivo da escola Canuto do Val”, escola estadual da Barra Funda, em São Paulo, objetivando entender as percepções de 25 estudantes, do 8º ano (B), entorno do espaço físico escolar, através de mapeamentos em escala real e com representações imagéticas da escola. Diante disso, obtiveram como resultado um cenário escolar com baixa infraestrutura, em equipamentos e espaços, além de relações conflituosas entre os estudantes envolvendo agressões físicas e verbais.

Além desses, Costa (2014) utilizou oficinas de mapas mentais na interpretação das relações afetivas e educacionais, no contexto da Educação de Jovens e Adultos, no ensino fundamental II, da Escola Municipal João de Freitas Ramos, no município de Eusébio – CE. Os resultados da pesquisa diagnosticaram as concepções de lugar utilizadas pelos estudantes, a potencialidade de mapas mentais na alfabetização cartográfica e a possibilidade de utilizar os sentimentos dos estudantes enquanto instrumento para gestão e organização escolar.

Mais recente, Marinho *et. al* (2018) avaliou a qualidade da estrutura física a partir de oficinas afetivas com estudantes do 6º ano, totalizando 29 alunos, em uma escola da rede municipal, em Fortaleza – CE, resultando na compreensão das percepções estudantis sobre o espaço escolar e um diagnóstico de problemas estruturais a serem resolvidos.

O espaço escolar é constituído sob diferentes perspectivas, sendo essas desenvolvidas pelos seus protagonistas que fornecem bases materiais e imateriais a sua existência, portanto, esse é caracterizado pelas relações e experiências contínuas dentro do espaço-tempo do cotidiano escolar, adquirindo faces individuais e plurais com descrições concretas e subjetivas.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

A organização escolar é composta por diferentes sujeitos e relações, estabelecidas entre o núcleo gestor, os funcionários, os educadores e os educandos, a sociedade e o Estado, sendo esses indispensáveis na compreensão da complexidade de relações existentes dentro dos núcleos educacionais. De acordo com Sato e Fornel (2007)

Conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino (SATO; FORNEL, 2007, p. 53).

Diante desse cenário, apreende-se que o espaço escolar é um grande campo de possibilidades para análises e diagnósticos em diferentes aspectos, sejam esses direcionados a interpretar a sua constituição palpável ou identificar a teia de relações invisíveis. Nesse aspecto, Ferrazzo (2007) aponta os sujeitos que compõe a escola enquanto alvos no processo de pesquisa, afirmando:

Desse modo, um primeiro aspecto que destacamos está no fato de considerarmos como sujeitos das pesquisas com o cotidiano todos aqueles que, de modo mais visível ou mais sutil, deixam suas marcas nesse cotidiano, isto é, os sujeitos das pesquisas com o cotidiano são: alunos, professoras, mães, vigias, serventes e tantos outros que “vivem” as escolas (FERRAÇO, 2007, p. 74).

Diante dessas perspectivas e aplicabilidades, entende-se que a cartografia escolar afetiva é a possibilidade de mapear a subjetividade do indivíduo construída a partir da interação com o meio, resultando na materialização da experiência cognitiva-sensorial através do mapa. Nesse cenário, a ação de evidenciar relações invisíveis e individuais, possibilitam construir/intervir novos cenários nessa realidade recém revelada, tornando-se assim, um caminho de leitura e diagnóstico em diferentes contextos.

2. Materiais e Métodos

Os procedimentos utilizados na construção de mapas afetivos devem priorizar a expressividade do indivíduo enquanto sujeito detentor de experiências com o espaço escolar, assim, os incentivos partem dos cenários subjetivos, psicoemocionais e afetivos para o terreno



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

palpável, estático e físico. Atividades que impulsionem pensar, opinar, desenhar, espacializar sobre o lugar, proporcionam momentos de transição do íntimo ao coletivo partilhado.

Assim, o cenário de atuação dessa pesquisa foi a escola de ensino médio Dr. Gentil Barreira – UV2, situada no bairro Conjunto Ceará, no município de Fortaleza – CE. Os agentes envolvidos foram os estudantes do 1º ano (F), com a presença de 19 meninas e 15 meninos, totalizando 32 estudantes, com idades entre 15-18 anos, no período de quatro meses (agosto-novembro), com a realização de atividades e encontros semanais.

A elaboração dos passos metodológicos estruturou-se a partir dos princípios da cartografia afetiva, ou seja, ações que possibilitem a expressão dos olhares e subjetividades dos estudantes, tornando-os palpável cartograficamente. Assim, o desenvolvimento metodológico compreendeu quatro etapas sistemáticas, processuais e participativas de análise e investigação do espaço escolar, desenvolvida para essa pesquisa, sendo essas: a contextualização, a comunicação, a realização e a interpretação.

Na etapa denominada contextualização ocorreu o reconhecimento da realidade escolar em sua essência diária, compreendendo os espaços que eram utilizados e como as relações entre estudantes-unidade ocorrem com o cotidiano escolar, esse processo aconteceu a partir de observações semanais nos diferentes espaços na escola. Assim, a inserção enquanto pesquisador nesse espaço, ampliou a leitura do cotidiano, e possibilitou a construção de uma representação gráfica da unidade escolar, com a utilização do software Microsoft Word, que subsidiou as etapas seguintes do mapeamento afetivo.

Na etapa denominada comunicação, realizaram-se interações direta com os estudantes, a partir de encontros semanais, com ações de observação e regência (Figura 3), possibilitando comunicar-se com os estudantes no momento aula, onde os diálogos esclareceram sobre suas narrativas na unidade e suas perspectivas e visões de lugar e mundo.

Na etapa denominada realização foram materializados os sentimentos durante as oficinas de mapeamento afetivo com 22 educandos, durante o momento de aula de Geografia, com a presença da professora em sala, com duração de 150 minutos, subdivididas em quatro



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

momentos: 1) “o contato”, 2) “o pensar”, 3) “o porquê” e o 4) “os afetos”.

Na última etapa, a interpretação dos resultados, buscou-se entender os dados levantados pelos estudantes, identificando as diferentes relações harmoniosas e/ou conflituosas entorno da experiência dos indivíduos, desvendando experiências estruturais, pedagógicas e psicossociais entorno da realidade escolar. Portanto, dessas etapas são discutidas no próximo tópico, apresentando um detalhamento e apontamentos relacionados aos cenários desvendados.

3. Resultados e Discussões

Diante das etapas metodológicas, tornou-se possível exteriorizar sob diferentes formas as opiniões, os pensamentos, as experiências, os olhares e as subjetividades dos estudantes, através da expressão oral, escrita e cartográfica. Nesse sentido, torna-se necessário a avaliação em contexto geral dos apontamentos a fim de estabelecer cenários vivenciados cotidianamente pelos estudantes na escola.

Dentre os resultados, destaca-se o mapa de sentimentos (Figura 2), que distribui espacialmente os afetos construídos no espaço escolar, sendo esse complementado com as justificativas, que totalizaram 209 apontamentos, ao qual os estudantes expressaram em cores, seus sentimentos e as experiências na unidade, resultando em um quadro mais profundo de sentidos.

Diante do cenário geral, a unidade apresentou um número satisfatório de afetividades e espaços agradáveis aos estudantes, possibilitando experiências positivas nas atividades cotidianas, com relações harmoniosas. Contudo, embora em números menores, os lugares negativos e as relações invisíveis expressam sementes de conflitos dentro da unidade, sendo necessário desenvolver estratégias para minimizá-las, ou seja, colocar como discussões nas atividades escolares e intervir diretamente na situação. Outro destaque é a possibilidade de colocar os estudantes em uma situação de autoavaliação e pensar sobre suas ações dentro da unidade, além da atividade de idealização que fomentam as possibilidades de intervenções estruturais no espaço escolar. Sendo que os resultados obtidos foram compartilhados, a partir



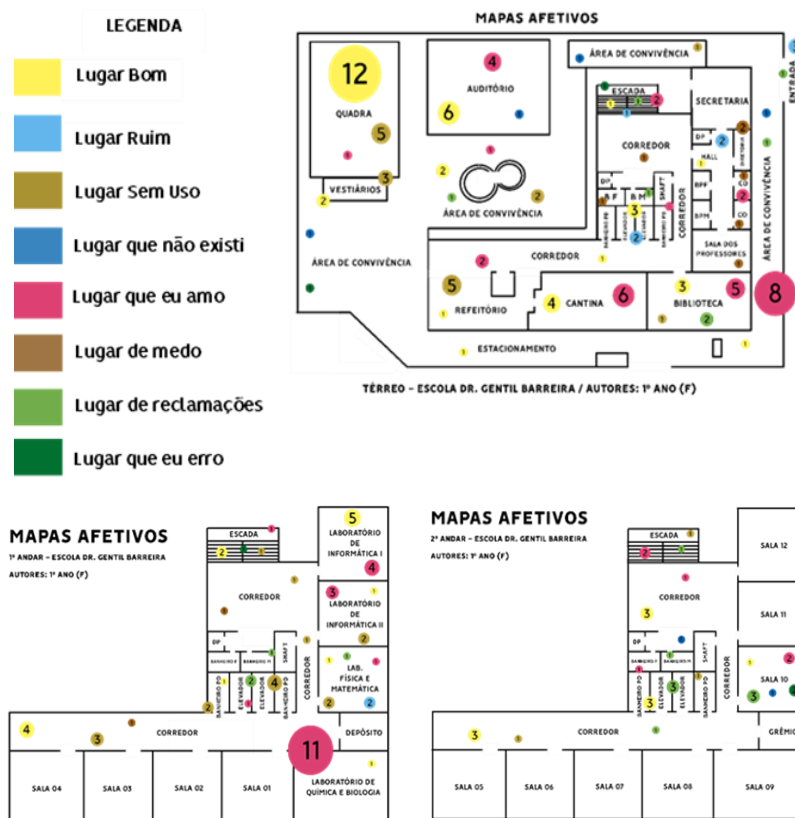
XVIII SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

de um diálogo com o núcleo gestor, a professora supervisora e os estudantes, como medida de intervenção na unidade, verificando os resultados como conflitos emergentes diariamente.



Os resultados dialogam diretamente com os apontamentos teóricos, em destaque, a possibilidade de diagnóstico a partir das intervenções subsidiadas pela cartografia afetiva, destacados em Oliveira et. al (2012), Costa (2014), Marinho et. al (2018), pois essas abordagens utilizaram-se dos princípios da cartografia afetiva, na construção de métodos diferenciados na captação subjetivas dos estudantes em relação a escola, onde apresentam diagnósticos oriundos dessa atividades.

Ao identificar pontos cruciais do funcionamento e organização escolar, a cartografia afetiva torna-se uma importante ferramenta de diagnóstico do espaço escolar. Portanto, através dos mapas, quadros e relatos a cartografia escolar afetiva mostrou-se uma possibilidade de



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

mapear a subjetividade dos indivíduos, resultando na materialização da experiência cognitiva-sensorial através de materiais palpáveis, que funcionarão com instrumento de gestão escolar. Além da organização de passos processuais que contemplaram diferentes aspectos e meios de análise do espaço escolar, contribuindo em aspectos metodológicos para o desenvolvimento de pesquisas futuras sob esse viés, sendo esses possíveis de implementação no cotidiano escolar.

4. Considerações Finais

A cartografia afetiva é uma possibilidade de leitura do uso do espaço escolar, é um caminho de exteriorização das relações invisíveis que ocorrem nesse ambiente. Contudo, caminhar nessa perspectiva é percorrer um território desconhecido e incerto, onde a individualidade e as experiências serão os narradores desse lugar e moverão seus passos no desvendamento de uma realidade oculta. Assim, esse trabalho alcança seu objetivo ao desvendar as relações estabelecidas dentro da unidade, ampliando a discussão sobre a cartografia afetiva e os caminhos metodológicos do mapeamento afetivo.

Nesse aspecto, a cartografia afetiva enquanto caminho de análise e investigação dentro do contexto escolar, explorou contextos positivos e negativos, objetivos e subjetivos, construindo um imaginário escolar por meio dos olhares e experiências dos estudantes, assim, a escola ao valorizar esse conhecimento humaniza e socializa a ideia de cotidiano escolar, favorecendo construir uma escola voltada para as novas condições socioeducacionais.

Para a escola e núcleo gestor, a atividade possibilitou um diagnóstico inicial dos espaços em relação aos estudantes do 1º ano (F), sendo possível a ampliação desses dados as demais turmas da unidade, pois a metodologia apresentou-se como possível a realidade escolar. Para os estudantes, tornou-se o momento em que a escola escuta suas opiniões e olhares, possibilitando construir cenários a partir dessas colocações. Para os docentes, a atividade apresentou-se como possibilidade de avaliação das práticas pedagógicas e possibilidades de utilizar mais os espaços que os estudantes utilizam ou desejam utilizar.

O processo de abordagem dessas legendas pode ter continuidade, explorando-as



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

individualmente e ampliando a corte amostral para efetivação e validação coletiva desses cenários. O processo de utilização das legendas é necessário enquanto norteador da temática de análise, podendo ampliar ou diminuir a escala, ou seja, investigar relações mais abrangentes, como as oito utilizadas, ou relações mais específicas, apenas com uma máscara. O importante a se destacar é o processo de afloramento do pensar e exteriorizar os sentimentos construídos, pois esse processo é responsável pelos mapas finais.

A pesquisa apresentou caminhos de análise e investigação, ampliando a discussão sobre a cartografia afetiva e os caminhos metodológicos do mapeamento afetivo. Contudo, requer mais aprofundamento, enquanto método de pesquisa e estratégias de uso, e mais requer aplicações, para o decifrar de outros nuances e outros contextos, porém, é um caminho possível a ser implementado.

Portanto, a cartografia afetiva é uma possibilidade real de aplicabilidade dentro das unidades escolares, funcionando como processo de comunicação com as experiências e sentimentos dos estudantes, resultando em um espaço mais representativo aos participantes dessa realidade, facilitando o planejamento e intervenções para melhorar o espaço escolar. As subjetividades construídas pelos educandos diariamente no espaço escolar, espacializando essas percepções através de oficinas de mapeamento afetivo, resultando em diagnósticos que possibilitam a construção de um lugar mais democrático, educativo e representativo aos estudantes.

5. Referências

COSTA, Juliana Monteiro da. **A cartografia afetiva por meio de mapas mentais em um lugar chamado escola.** Fortaleza, 2014. 66 f. Monografia (graduação em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Fortaleza - CE, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, c1995. 93p.

DOWNS, Roger M. STEA, David. Cognitive Maps and Spatial Behaviour: Process and Products. *In*: DODGE, Martin. KITCHIN, Rob. PERKINS, Chris. **Map Reader: Theories of**



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Mapping Practice and Cartographic Representation. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011. P. 312-317.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**: Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <encurtador.com.br/jnDJU>. Acesso em: 5 out. 2018.

FLATLEY, Jonathan. Affective mapping. In: _____. **Affective mapping: melancholia and the politics of modernism**. Cambridge: Harvard University Press, 2008. Cap. 2, p. 76-84.
GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 439 p.

LEIRAS, A. G. Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias. **Geograficidade**. v.2, número especial, Primavera, 2012. p.115-133. Disponível em: <https://goo.gl/hJumXY>. Acesso em: 19 de nov 2018.

MARINHO, Anderson da Silva. FARIAS, Carlos Senna Soares. BARBOSA, Maria Edivani Silva. Estágio curricular e ensino de geografia: uma leitura do espaço escolar na perspectiva da cartografia afetiva. In: IV Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia – EREPEG. Crato, 2018. **Anais...** Crato: Universidade Regional do Cariri – URCA, 2018. ISSN - 2594-6048.

OLIVEIRA, Bianca. ALVES, Breno Castro. NASCIMENTO, Hermes do. **Oficina como eu vejo: cartografia afetiva da 8ª B**. Disponível em: <encurtador.com.br/qLM13>. Acesso em: 19 de nov 2018.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007. 247 p.

SATO, E. C. M. FORNEL, S. R. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R. MALYSZ, S. T. (ORG) **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Editor Contexto, 2007. p. 52-57.

SIMIELLI, Maria Elena. O mapa como meio de comunicação e alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 62-85.